

O INGLÊS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA: QUAIS OS MAIORES DESAFIOS? FOCO EM DUAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA BA.

BRANDÃO FILHO, Jorge Matos ¹

SILVA, Priscila Oliveira ²

RAIC, Daniele Farias Freire ³

RESUMO

Este estudo, ainda em andamento no programa de mestrado, tem como objetivo apresentar os desafios encontrados pelos docentes e discentes no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa (LI) nas escolas de educação básica. Parte do pressuposto de que os professores de LI na Educação Básica, sem formação adequada no idioma, podem trazer implicações negativas para a aprendizagem dos alunos, levando-os, possivelmente, à falta de motivação para aprender e, quando aprendem, essa aprendizagem se dá de maneira equivocada, podendo observar uma pronúncia bastante “abrasileirada”, bem como uma leitura (em alguns casos, apenas decodificando) distorcida, ao usar os mesmos fonemas da gramática portuguesa, denotando graves prejuízos ao desenvolvimento das quatro habilidades da língua: ler, escrever, falar e interpretar a produção oral. Assim, considerando a experiência dos próprios autores e, ainda, buscando a observação e o diálogo com os docentes da referida disciplina nas escolas públicas e privadas no município de Itapetinga⁴-BA, este trabalho propõe provocar a necessária discussão sobre a formação docente e o compromisso dos gestores na alocação de professores para atuarem em disciplinas que não coincidem com a sua formação inicial. As interpretações das informações produzidas no campo empírico sugerem que não basta ao professor apontar as dificuldades no/do processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, mas, sobretudo, é necessário que compreenda tais processos a fim de movimentar-se no sentido da formação e, ainda, que provoque os gestores no sentido da abertura ao diálogo para que essas dificuldades encontradas na prática sejam diminuídas ou quem sabe dirimidas em políticas concretas de formação e atuação docente na área do ensino de línguas.

Palavras chave: Língua inglesa; Processo ensino-aprendizagem; Formação docente.

¹ Mestrando em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UESB; Licenciado em Letras, com dupla habilitação de Inglês/Português; Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa; Membro do Grupo de Estudos sobre a Circulação de Ideias Pedagógicas no Pensamento Pedagógico Brasileiro Recente – CIPED. E-mail: jotabrandao2013@gmail.com

² Mestranda em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UESB; Licenciada em Letras, com dupla habilitação de Inglês/Português; Licenciada em Educação Física; Especialista em Gestão e Organização da Escola. E-mail: priscilaolsi@hotmail.com

³ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação na Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdades Integradas de Jequié (FIJ), graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atualmente é professora adjunta da UESB, lotada no Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL), Área de Fundamentos da Educação.

⁴ Itapetinga é um município brasileiro no interior da Bahia que pertence a Mesorregião do Centro-Sul Baiano e a Microrregião de Itapetinga. A distância do município para a capital do estado é de 562 km. A sua população em 2018, segundo estimativa populacional do IBGE, era de 75.470 habitantes, sendo assim a 26ª cidade mais populosa da Bahia.

Introdução

Durante mais de uma década atuando como professores de Inglês em salas de aula de instituições da rede pública e privada na Educação Básica no município de Itapetinga-BA, observamos que os professores de LI na Educação Básica nesta cidade vêm passando por desafios que trazem consequências negativas para os aprendizes desse idioma, como a perda de motivação e a conseqüente desistência de aprender - e quando aprendem, aprendem de uma forma equivocada com escrita e pronúncia bastante “abrasileirada”, lendo e/ou escrevendo as palavras em inglês utilizando-se dos mesmos fonemas da gramática de Língua Portuguesa (LP). Lamentavelmente, muitos não desenvolvem a aprendizagem da LI de forma eficaz, distanciando-se das quatro habilidades: ler, escrever, falar e interpretação oral. Ademais, notamos na prática observada, que os estudantes passam a investir pouco ou nenhum tempo e esforço em suas tarefas escolares a fim de qualificar seus estudos. Tudo isso parece estar associado ao fato de que os professores que tiveram durante a sua vida escolar não têm domínio sobre o idioma que está sendo “ensinado”, não possuem fluência e não passam segurança ao ministrarem suas aulas.

Percebemos que era necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto, dentro do contexto escolar, que tem se tornado, nos últimos anos, objeto de pesquisa constante por parte de professores e pesquisadores na busca de um ensino de qualidade, que satisfaça as necessidades e os interesses dos aprendizes. Procura-se entender, cada vez melhor, esse grande universo e criar formas para desenvolver cidadãos críticos e responsáveis. Entender o universo dos alunos significa conhecer não só os alunos enquanto cidadãos, mas também conhecer previamente as experiências de vida trazidas por eles, inclusive suas inseguranças, frustrações, expectativas e crenças.

Do exposto, este artigo busca conhecer os desafios dos professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem e, assim, buscar contribuir com os estudos no campo do ensino da LI na Educação Básica.

O ensino da Língua Inglesa na educação básica: quais os maiores desafios?

A inserção do ensino de Língua Inglesa nas escolas brasileiras data de 22 de junho de 1809, a partir de um decreto de D. João VI que objetivava atender as demandas da abertura dos portos e comércio. Desde então, diversas políticas e reformas aconteceram e tornaram o ensino do Inglês no processo desafiador que ele é hoje. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que está para ser implementada, traz como novidade a obrigatoriedade da LI como componente curricular. Apesar do inglês ser oferecido como língua estrangeira na quase totalidade das escolas, a língua estrangeira a ser ensinada era à escolha da comunidade escolar e no geral, era feita a opção pelo inglês.

Discutiremos aqui alguns desafios que os professores de LI enfrentam em suas jornadas de trabalho na educação básica em escolas públicas e privadas na cidade de Itapetinga.

Tomado como base as experiências já vivenciadas e conversas informais com os colegas de profissão que também lecionam o Inglês, um dos principais desafios é conseguir a atenção e o devido respeito às aulas, por parte da maioria dos alunos, uma vez que, enquanto uma minoria, que pelo fato de já terem feito um curso de inglês em uma escola de idiomas ou com um professor particular e/ou por utilizar aparatos e jogos tecnológicos, participa da aula e deixa o professor numa situação menos desconfortável, uma maioria nem ousa **tentar** (grifo nosso) entender a proposta do docente e mergulha em um poço de desinteresse deixando a sala de aula em um clima de desídia. Desse modo,

Apesar de todos os setores da sociedade reconhecerem a importância do ensino de língua estrangeira, as políticas educacionais não asseguraram uma inserção de qualidade desse ensino em nossas escolas. Em busca dessa qualidade, as classes privilegiadas sempre procuraram garantir a aprendizagem de línguas nas escolas de idiomas ou com professores particulares, mas os menos favorecidos continuaram à margem desse conhecimento e habilidades de uso correspondentes (MACHADO; CAMPOS; SAUNDERS, 2007, s/p).

Outro desafio notadamente visível é que para ministrar as aulas de inglês ainda se usa o método iniciado há mais de um século, quando, em 1855, marcava-se o início do ensino de Língua Estrangeira no Brasil: Francês, Inglês e Alemão – 3 anos obrigatórios no ensino secundário com uma orientação metodológica que partia do método clássico ou gramática e

tradução, tendo como objetivos de ensino e aprendizagem a gramática, vocabulário, exercícios e tradução. Schütz (2003) afirma que, infelizmente, “apesar das leis e reformas criadas, o ensino de inglês nas escolas de ensino fundamental e médio até hoje em dia parece ter ficado encajado no método de tradução e gramática do início do século”.

A falta de interesse e de investimentos do governo no ensino da LI na rede pública de ensino torna-se um desafio enfrentado pelos professores desse idioma que é a língua franca global da contemporaneidade. De um lado temos salas de aula superlotadas, completamente heterogêneas, transformadas em um ambiente de alta vulnerabilidade social, tendo alunos que convivem diariamente com violência, furtos, drogas, deterioração do espaço físico e, do outro lado, um professor mal remunerado, desmotivado, despreparado e com pouquíssimos recursos que são de fundamental importância para uma aula de qualidade.

O professor que também fez parte desse processo histórico é refém dessa orientação metodológica e a falta de formação se torna um grande desafio no processo ensino-aprendizagem da LI. O professor que quer se atualizar, precisa subsidiar sua formação que além de ser de alto custo, ainda falta apoio da instituição pública que não disponibiliza o tempo necessário para que esse se qualifique. Há, do que podemos notar, a necessidade de uma formação inicial e continuada para que os profissionais que trabalham com o ensino de LI tenham mais segurança e domínio das metodologias de ensino.

O ensino de inglês nas escolas públicas brasileiras nos dias atuais

O ensino das 4 habilidades: *listening*, *speaking*, *reading* e *writing*,⁵ que deveriam ser trabalhadas desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, tem sido negligenciado no ensino de Inglês nas escolas brasileiras, sobretudo nas escolas públicas. Diversos são os fatores que levam a este fato e falaremos um pouco mais sobre cada um deles.

Uma das dificuldades para que o processo ensino-aprendizagem aconteça efetivamente, a nosso ver, passa pela qualificação do professor. Apesar das leis existentes que exigem no mínimo a licenciatura na área para os professores em efetiva regência, não é exatamente o que pode ser observado nas escolas. A *British Council* realizou uma pesquisa intitulada “O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira”, na qual procurou traçar um perfil dos profissionais que lecionavam Inglês nas escolas. Segundo dados do Censo da Educação Básica do ano de 2013 que constam nessa pesquisa, menos de 40% dos professores

⁵ As quatro habilidades da linguagem – *Ouvir, falar, ler e escrever* (também conhecidas como as quatro habilidades de aprendizagem da língua) são um conjunto de quatro capacidades que permitem ao indivíduo compreender e produzir uma linguagem falada para uma comunicação interpessoal adequada e eficaz.

de inglês na Educação Básica Brasileira são formados em LI. A percentagem sobe em 2017 para cerca de 94% em se tratando apenas dos professores que trabalham com o Ensino Médio e a pesquisa aponta também que cerca de 3,9% desses profissionais ainda estão se qualificando. Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), em torno de 85% dos docentes que dão aulas de inglês para alunos de escolas públicas não dominam o idioma. As matrizes curriculares dos cursos de licenciatura estão defasadas e a falta de oportunidades para a prática do idioma são algumas das principais causas. Diante disso, cabem algumas reflexões. Primeiro é importante afirmar que professores não licenciados na área não deveriam ministrar aulas na disciplina. Não que o título de licenciado seja prova de competência profissional, mas, sem dúvida, uma formação qualificada faz muita diferença no processo de ensino-aprendizagem, além de ser uma questão de cumprimento da lei. (Artigo 62 da LDB 9394/96). Em segundo lugar, cabe perguntar: as matrizes curriculares dos cursos de licenciatura têm sido suficientes para preparar os profissionais para efetiva docência?

Outro fator, além da falta de qualificação inicial, é a formação continuada. Nesse sentido, perguntamos: professores licenciados continuaram buscando qualificação ao longo da sua carreira? Infelizmente, o que pudemos constatar a partir das narrativas dos docentes que estão em efetiva regência é que, em maioria, após o término da licenciatura, não buscou outros cursos de formação ou atualização para a melhoria da sua prática docente e isto não aconteceu por falta de interesse, em muitos dos casos. Muitos deles afirmam sentirem-se inseguros por não possuírem fluência ou outras competências necessárias para trabalhar com as 4 habilidades. Em se tratando especificamente do município pesquisado, na última década, não foi oferecido pela Secretaria de Educação nenhum curso de qualificação específico para os profissionais que trabalham com o ensino de LI. O mesmo ocorre no âmbito estadual. No âmbito federal, existem alguns programas de aperfeiçoamento profissional para professores de inglês de escolas públicas, mas, por serem a nível nacional, a quantidade de vagas oferecidas acaba por contemplar um número muito pequeno de professores por estado, e menor ainda levando em consideração a quantidade de municípios que o estado possui, além do que,

muitos professores principalmente de municípios menores, como é o caso do município citado nesta pesquisa, sentem-se amedrontados até em se inscreverem para uma dessas vagas, e concorrer com profissionais do país inteiro. Um exemplo desses programas, é o Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa nos Estados Unidos (PDPI), sobre o qual falaremos um pouco posteriormente.

Mais um fator que influencia na dificuldade do professor em conseguir um ensino efetivo da LI é o material didático, ou a falta dele. Os livros didáticos que chegam às escolas via PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) são, via de regra, completamente alheios à realidade dos alunos; não levam em consideração sequer o fato de serem alunos de escolas públicas e nem a sua situação de moradia. Para completar, apenas os livros didáticos chegam às escolas, nenhum outro material de apoio pedagógico, como dicionários, *flashcards*⁶, jogos e tantos outros instrumentos que poderiam ser usados para que as aulas se tornassem mais interessantes e dinâmicas.

Soma-se a isso tudo, três fatores importantíssimos e que pouco são levados em consideração quando se fala da qualidade do ensino de inglês nas escolas públicas brasileiras: a desvalorização do professor; a carga horária altíssima a qual o profissional é submetido e, não menos importante, a falta de interesse dos alunos diante da aprendizagem da disciplina.

Quando falamos em desvalorização é impossível não entrar no mérito salarial. Segundo dados obtidos pela OCDE (Organização para a Cooperação Desenvolvimento Econômico) com o estudo “*Education at a glance*”, feito em 2017, os salários dos professores brasileiros são extremamente baixos quando comparados a países desenvolvidos, e mais baixos até que o que é pago por países que possuem PIB per capita e Índice de Desenvolvimento Humano, próximos ao Brasil como o México, Colômbia e Costa Rica. Entre os países mapeados pela pesquisa, o Brasil fica à frente apenas da Indonésia. Ou seja, os professores são extremamente mal remunerados no Brasil, o que, de certa forma, leva ao próximo ponto citado anteriormente.

Para conseguir uma vida digna, muitos profissionais se submetem a cargas horárias absurdas e desumanas de trabalho. Além da carga horária elevada de trabalho nas escolas e reduzidíssima para o ensino eficiente do idioma em cada uma das classes (2h/aulas semanais), o professor é um profissional que trabalha para além da sala de aula, pois muito do seu trabalho acaba por ser feito em casa, com elaboração de provas e materiais de apoio, correção de provas e trabalhos, etc. Toda essa demanda acaba por roubar parte do tempo que deveria

⁶ *Flashcard* ou cartão *flash* é um cartão educativo contendo informações, como palavras ou números, em um ou ambos os lados, usados em exercícios em sala de aula ou em um estudo particular. Um escreve uma questão de lado e uma resposta no verso.

ser destinado a qualificação profissional, planejamento para aulas mais interessantes, confecção de materiais de apoio, além de interferir na saúde e qualidade de vida desse profissional e sobretudo, na sua motivação de trabalho.

Os alunos, por sua vez, mesmo diante de professores motivados e preparados, apresentam-se muitas vezes alheios à necessidade que hoje, mais do que nunca, existe quando se trata da aquisição de uma segunda língua, sobretudo, em se tratando do inglês como idioma global, não só pelo conhecimento em si, mas levando-se em conta as exigências impostas pelo mercado de trabalho. Muitas vezes, estamos em salas lotadas (35 a 40 alunos) falando apenas com as cadeiras, pois os alunos presentes não demonstram o mínimo interesse em aprender o inglês. Acreditam ser muito difícil, acham ser fora da realidade deles e acreditam que o idioma é algo que nunca terão oportunidade de usar e por isso, julgam desnecessário depositar seu tempo e esforço na tentativa de aprendizagem.

O ensino de inglês no Ensino Fundamental do Colégio Paulo Hagge

O Colégio José Marcos Gusmão, hoje denominado Colégio Paulo Hagge, iniciou suas atividades com as séries finais do Ensino Fundamental em fevereiro de 2002, onde foi criado pelo então Prefeito Municipal José Otávio Curvello, conforme Ato de Criação N^o 2.365/01 e mudado de denominação pelo Prefeito Municipal Michel José Hagge Filho, conforme Ato de Criação N^o 3063/06, no ano de 2006. A Escola está localizada à Rua Medeiros Neto, S/N^o – Bairro: Clerolândia – Itapetinga – BA, CEP 45.700-000 trata-se de uma escola da rede Municipal de Ensino do município de Itapetinga-BA que atende a 630 alunos de um bairro periférico com altos índices de vulnerabilidade social.

O espaço geográfico é mal aproveitado carecendo de um planejamento urbano, carente de áreas de lazer e de atividades de integração social cujos problemas sociais e econômicos são evidentes e interferem na cultura e comportamento da sociedade.

Problemas relacionados às drogas e à violência são constantes no bairro em que a escola está inserida e nos bairros próximos. Sendo assim, a criminalidade, a violência urbana e familiar, baixa renda, prostituição e drogas estão envolvidas dentro do cotidiano escolar.

Infelizmente não é incomum ocorrer situações em que ex-alunos, ou familiares dos mesmos, estão envolvidos com crimes, ou são vitimados pelo envolvimento com drogas.

Situações de desemprego e/ou subemprego também afetam parte dos pais de nossos estudantes e a violência social e discriminatória é algo presente na comunidade na qual a escola está inserida. O bairro necessita de políticas públicas que atendam à população ali existente de maneira mais efetiva, pois problemas de infraestrutura, assistência médica e segurança pública são notórios naquela realidade.

Os estudantes desta escola são oriundos de famílias com baixo poder aquisitivo. Seus pais trabalham, em maioria, na empresa do setor calçadista da região, no mercado informal, em trabalhos domésticos e outros vivem apenas com a renda do Programa Bolsa Família.

A vulnerabilidade social afeta os lares de muitos dos nossos estudantes: alguns não são bem assistidos por seus responsáveis; há aqueles que moram apenas com os avós que não têm controle sobre seu comportamento; outros assumem muitas responsabilidades como cuidar da casa e de seus irmãos; além daqueles que ficam mais na rua do que dentro de seus lares. Esses problemas podem favorecer o envolvimento de alguns dos estudantes com drogas, violência e prostituição.

Parte de nossos estudantes demonstra também carência afetiva, possui baixa autoestima e não tem perspectivas de um futuro promissor, não gosta de estudar, mas gosta de estar na escola porque esta se configura como espaço de socialização. Há situações em que se comportam com indisciplina e desrespeito para com os professores e/ou para com seus colegas, muitos demonstram desinteresse nas aulas, conversam demasiadamente enquanto alguns transparecem total apatia. Além disso, colaboram com o sucateamento do espaço escolar riscando paredes, quebrando carteiras e sujando o chão.

Também se configura um problema relacionado aos nossos discentes a iniciação sexual precoce de muitos. Além de não estarem fisicamente e emocionalmente prontos para iniciação da vida sexual, estão sujeitos à adquirirem doenças venéreas e a se tornarem pais precocemente sem qualquer estrutura financeira e psicológica para tal. Esta última situação ocorre com frequência na escola.

Mesmo com toda a problemática social que os rodeia, também temos discentes que são bem cuidados por seus familiares; que são responsáveis com suas atividades escolares, que demonstram interesse por seus estudos; respeitosos com colegas e com toda comunidade escolar, cuidadosos com as pessoas e com o ambiente onde estudam. Valorizam a escola e seus professores e vislumbram para si um futuro melhor.

Quanto ao ensino da LI ofertado nessa instituição, os desafios são inúmeros, começando pela dificuldade dos alunos em entender a proposta pedagógica do inglês como disciplina, pois a maioria deles não vê sentido algum em “aprender” uma nova língua que com muita dificuldade requer uma verdadeira alfabetização no idioma. Apesar dessa dificuldade cognitiva, os alunos nas atividades extraclases dão preferência em assistir aos “enlatados estadunidenses” dublados, muitos não têm acesso aos aparatos tecnológicos e não têm como prática a dedicação de uma parte do seu tempo extraclasse em atividades como grupo de estudos e pesquisas.

Nas aulas temos um livro didático que está longe da realidade de turmas heterogêneas, mas nem tanto, pois, ao se tratar da LI, pelas dificuldades, as turmas são homogêneas e as dúvidas são semelhantes. Desse livro, os professores aproveitam apenas a parte gramatical e voltam ao passado, de uma maneira completamente retrógrada, persistindo no método “gramática-vocabulário-tradução”. Esse método consiste em uma “aprendizagem” mecânica onde o aluno ao “avançar” para a série subsequente não traz consigo os conteúdos e as informações necessárias para a sequência do “curso”. Para os professores se torna cansativo e maçante, uma vez que são obrigados a fazerem revisões e, às vezes até um apanhado geral dos assuntos trabalhados no ano anterior. Os alunos por sua vez, parecem nunca terem visto ou ouvido falar naquele assunto já trabalhado anteriormente. Isso traz uma angústia para os professores e um desânimo para os alunos ocasionando uma desistência de continuar insistindo em uma aprendizagem que sem entrar em pormenores, tudo indica que não acontecerá.

O baixo poder aquisitivo e a carência de informações e de compreensão não permitem que os pais invistam nos alunos, adquirindo para eles, cursos, livros paradidáticos, dicionários, jogos educativos, TV por assinatura, dificultando ainda mais o contato com a língua, que mesmo estando cotidianamente em contato com o idioma, muitas vezes de forma implícita que por sua vez se torna indecifrável.

Por fim, no percurso do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental o aluno vai se desgastando e cada vez mais desistindo de insistir em algo que soa utópico ao buscar essa aprendizagem que cada vez mais vai se distanciando do discente.

O ensino de inglês no Ensino Médio do Colégio Estadual Alfredo Dutra

O Colégio Estadual Alfredo Dutra (CEAD) foi inaugurado em 22 de março de 1953, mas já funcionava como internato desde 1950 e comportava apenas 50 alunos. Foi estadualizado em 1964 e, desde então, atende a comunidade itapetinguense oferecendo hoje as modalidades Ensino Médio (Educação Integral em Tempo Integral) e Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno diurno e, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e ProEJA técnico em Nutrição e Dietética e em Informática no turno noturno, atendendo 726 alunos no total.

É uma das escolas estaduais com melhor estrutura física da cidade, porém está carecendo de reformas, pois a maior parte do seu prédio ainda data da época de sua fundação. Além disso, com a implementação da Educação Integral, a escola necessita de outros espaços para que os alunos usufruam e possam ter aulas mais dinâmicas e lúdicas, uma vez que ficam na escola das 7h às 16h.

O corpo discente é formado por alunos não apenas do bairro, mas de todos os bairros da cidade. O bairro São Francisco, no qual a escola está situada, é um bairro tranquilo de moradores antigos e sem grande histórico de violência e possui no seu entorno oficinas mecânicas que empregam muitos dos nossos alunos. Por conta da carência de opções de trabalho na cidade, registra grande evasão escolar, sobretudo, no turno noturno, porque o alunado acaba por desistir ou se transferir para outras cidades pela necessidade de trabalhar para sustentar a família ou ajudar nas despesas da casa.

O perfil geral do corpo discente é de adolescentes, jovens e adultos que já estão inseridos no mercado de trabalho, ou buscam a inserção formal ou informalmente. Por conta disso, o trabalho realizado pela escola acaba por visar mais especificamente a ideia de vestibular e concursos, ou no caso dos cursos técnicos, a preparação específica para o mercado de trabalho. Para tal, buscamos trabalhar com temas atuais numa abordagem interdisciplinar que traga o conteúdo para dentro da realidade do aluno.

A professora Priscila, professora da escola em questão, trabalha com inglês em turmas de Ensino Médio nos turnos diurno (Educação Integral em Tempo Integral) e noturno do Colégio Estadual Alfredo Dutra, no município de Itapetinga, desde o ano de 2007. Em se tratando especificamente do ensino de LI, o uso do livro didático é constante, apesar de trazer um conteúdo um pouco distante da realidade dos alunos, busca fazer as adaptações necessárias para fazer dele uma ferramenta eficiente. Além disso, procura trazer outras ferramentas que visam tornar as atividades mais dinâmicas, pois, como a maior parte dos alunos está inserida no mercado de trabalho, tornar as aulas mais atrativas torna-se extremamente necessário. Faz-se necessário também trazer atividades além do livro didático a

fim de fixar melhor o conteúdo gramatical, parte que o livro didático acaba deixando a desejar.

Uma das grandes dificuldades, mesmo fazendo adaptação dos conteúdos à realidade é a falta de interesse na aprendizagem do idioma, no geral, por não acharem que será útil para eles no futuro (mesmo diante de todas as conversas tentando chamar atenção para a importância do Inglês para o mercado de trabalho e para a vida) e também, por não terem o conhecimento necessário da própria língua nativa e, muitas vezes, é necessário deixar o inglês de lado e ensinar conteúdos do português para que a aprendizagem da LI se efetive.

Trazendo para sala de aula situações reais de aprendizagem e um pouco da cultura de países falantes da LI, os alunos demonstram um pouco mais de interesse ou curiosidade. São as aulas preferidas da professora em questão, nas quais não se sente tão só e sente que consegue acesso a alguns alunos. Como professora concursada pelo estado da Bahia e município de Itapetinga para ensino de Inglês, licenciada em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) desde 2007, a mesma teve oportunidade de ser selecionada por um programa de aperfeiçoamento para professores de Inglês de Escolas Públicas em 2012, programa oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil e a Comissão para intercâmbio educacional entre os Estados Unidos e o Brasil (Fulbright) (na época, o programa era chamado de Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Língua Inglesa nos EUA - CAPL, hoje chamado de Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa nos Estados Unidos - PDPI) e de estudar na *Ohio University*, nos Estados Unidos, por 6 semanas em janeiro/fevereiro de 2013 fazendo um curso intensivo voltado para o ensino de inglês e o uso de tecnologias educacionais como ferramentas para a melhoria na aprendizagem.

Mesmo qualificada e sempre em busca de qualificação, sente dificuldade em colocar em uso o conhecimento obtido no curso por conta de problemas logísticos, como por exemplo: a escola possui um curso técnico de informática e a sala de informática da escola acaba sendo destinada a essas turmas do técnico na maior parte do tempo, ou seja, os demais alunos acabavam privados dessa tecnologia. Em 2019, surgiu uma nova ferramenta educacional mas, ainda não foi possível testar da maneira que gostaria.

Falta ainda na escola uma melhor qualidade da internet, por exemplo. Se o sinal chegasse às salas de aula, seria possível utilizar até o próprio *smartphone*, que hoje é possuído pela quase totalidade dos alunos, como ferramenta de aprendizagem.

Foi necessário trazer um pouco da trajetória acadêmica da professora Priscila por entender que seria necessário para nortear o relato a seguir. Tendo sido a primeira professora do município (tanto das escolas estaduais como municipais) a fazer um curso de aperfeiçoamento no exterior e, até o momento, apenas outro colega da mesma escola estadual teve a oportunidade de participar do mesmo programa, além de não proporcionar cursos de qualificação com profissionais “de fora” para os seus professores, em nenhum momento, nem a Secretaria Municipal de Educação, nem a Regional da Secretaria de Educação do Estado buscaram que todo o conhecimento adquirido neste aperfeiçoamento profissional fosse multiplicado e compartilhado com outros professores das redes. Muitas vezes, usam como desculpa o alto custo de trazer um profissional para ministrar um curso de aperfeiçoamento como justificativa para não fazê-lo e não aproveitam o potencial que possuem “em casa”. Nas Jornadas Pedagógicas, único momento que temos de socializar com todos os colegas da área, pouco ou nenhum espaço é dado para a socialização de práticas docentes que foram utilizadas com sucesso pelos colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo sobre os desafios encontrados no ensino-aprendizagem da LI em duas escolas públicas da cidade de Itapetinga, constatam-se que apesar de redes diferentes, os desafios que os professores de inglês enfrentam ao ministrarem suas aulas, no geral são os mesmos. Entre esses desafios, a falta de uma formação de qualidade para os professores de LI, a falta de recursos, principalmente os audiovisuais, livro didático fora da realidade dos alunos, desinteresse dos alunos que não têm objetivos específicos nesse tipo de aprendizagem, descaso dos governantes por não fornecer subsídios que garantam um ensino de qualidade, dificuldades de planejamento e os dilemas enfrentados pelo professor ao ter que lidar com o fracasso escolar ao findar o ano letivo e ao iniciar o ano subsequente e ficar com a sensação de que nada fora ensinado.

Os resultados sugerem que os professores busquem uma formação tanto inicial quanto continuada para melhorar a qualidade do ensino e estimular os alunos na busca pela aquisição de um novo idioma. Os alunos, por sua vez, acreditam que o ensino deveria acontecer de maneira progressiva, tendo seu início nas primeiras séries do ensino fundamental a fim de lhes proporcionar maior avanço no conhecimento do idioma e ter maior quantidade de aulas durante a semana.

Agora, com a obrigatoriedade do ensino do inglês trazido pela BNCC, é preciso que haja uma reflexão de como serão ministradas as aulas com tantos desafios, como alguns elencados nesse artigo e com uma desigualdade socioeconômica tão presente nas escolas brasileiras. Por um lado, diferente da maneira como era visto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o inglês como língua estrangeira, agora visto como língua franca, facilitará o planejamento, pois o professor oferecerá não apenas conteúdos linguísticos, mas também culturais como prática social, legitimando o componente não só como o inglês britânico da Inglaterra e o americano dos Estados Unidos, mas como um idioma que dá acesso ao mundo globalizado. Entretanto, os profissionais dessa área vão precisar de melhores condições de trabalho.

Diante deste contexto, pensamos que ao professor não basta apenas concentrar-se em ter a bagagem necessária no que se refere ao conhecimento específico, mas também no campo das dificuldades que envolvem o processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira; é preciso entender as formas de aprendizagem e se preparar por meio de formação inicial e continuada, com uma atenção especial voltada para o planejamento das aulas, sobretudo de forma interdisciplinar e trazendo conteúdos inseridos no universo dos alunos, para que as aulas tornam-se mais dinâmicas e a aprendizagem aconteça de forma efetiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio) - linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> . Acesso em: 22 mar. 2019.

BRITISH COUNCIL. O ensino de inglês na educação pública brasileira: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE. São Paulo, SP: British Council Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf>. Acesso em 22 mar. 2019.

FERREIRA, Paula. **Somente 15% dos professores da rede pública que ensinam inglês dominam o idioma.** Disponível em:

<<http://www.abrelivros.org.br/home/index.php/noticias/8095-somente-15-dos-professores-da-rede-publica-que-ensinam-ingles-dominam-o-idioma>>. Acesso em 31 mar. 2019.

MACHADO, R.; CAMPOS, T. R. de; SAUNDERS, M. do C. **História do ensino de línguas no Brasil: avanços e retrocessos**. Revista HELB - História do Ensino de Línguas no Brasil, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em:
<<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1-no-1-12007/98-historia-do-ensino-de-linguas-no-brasil-avancos-e-retrocessos>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

OECD. **Education at a Glance 2018**. OECD Indicators. OECD Publishing. 2018. Disponível em:
<http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/eag/documentos/2018/EAG_Relatorio_na_integra.pdf> Acesso em: 28 mar. 2019

SCHÜTZ, Ricardo. **O que é talento para Línguas?** English Made in Brazil. Disponível em:
<<http://www.sk.com.br/sk-talen.html>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

SCHÜTZ, Ricardo. **“História da Língua Inglesa.”** English Made in Brazil. Disponível em:
<<http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

VIDOTTI, Joselita Júnia Viegas; DORNELAS, Rívia. O ensino de línguas estrangeiras no Brasil - período de 1808 - 1930. Revista Helb, Brasília, ano 1, n. 1, 2007. Disponível em:
<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1-no-1-12007/94-o-ensino-de-linguas-estrangeiras-no-brasil-periodo-de-1808-1930>. Acesso em: 9 abr. 2019.